
ANTONIO CANDIDO, ECCETERA.
Conciso roteiro italiano de um crítico brasileiro

Andrea Ciacchi*

Para Luciana Stegagno Picchio
que me apresentou Teresina.

A primeira parte do livro *Dentro do texto, dentro da vida*¹, em homenagem a Antonio Candido, composto essencialmente por trabalhos apresentados em Marília, para a III Jornada de Ciências Sociais, intitula-se “Depoimentos”. Lá estão textos de colegas, ex-alunos, companheiros do autor da *Formação da Literatura Brasileira*, enfim, testemunhos ora bem humorados ora respeitosos e reverenciosos, de pessoas que tiveram a sorte de conhecer ou de conviver com Antonio Candido. Entre eles, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Telê Porto Ancona Lopez, Walnice Nogueira Galvão, José Mindlin, Darcy Ribeiro, João Antônio, Décio de Almeida Prado.

Imagino não ser o único, aqui, a lamentar não tanto o fato de não integrar essa lista, mas, evidentemente o de não possuir os requisitos para fazer parte dela. De fato, aqueles depoimentos transmitem algo que, de certa forma, provoca inveja: para quem foi aluno de Antonio Candido, os

* *Professor de Literatura Brasileira e Bolsista “Recém-Doutor” na Pós-Graduação em Letras da UFPB.*

ensinamentos que os seus livros encerram adquirem um sentido maior, mais humano, mais completo; queria dizer: mais saboroso.

Ao mesmo tempo, sabemos que não é bem assim. Poucos intelectuais brasileiros conseguiram tanta fortuna editorial, e tanta difusão das suas idéias. Desde a estréia, em 1945, com a *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*², até a publicação quase simultânea, em 1993, de *Recortes*³ e do importantíssimo *O discurso e a cidade*⁴, só para ficar com os livros, sem considerar os artigos e os ensaios publicados em jornais, revistas e coletâneas, pelo menos 15 volumes de escritos de Antonio Candido têm visto a luz, na maioria dos casos por editoras de repercussão e distribuição nacional, como a Martins, José Olympio, Companhia Editora Nacional, Duas Cidades, Paz e Terra, Ática e Companhia das Letras⁵. Como todos sabem, a maioria dos ensaios publicados nestes volumes retomam publicações anteriores, freqüentemente artigos em jornais, revistas, às vezes estrangeiras, não sempre ao alcance de todos. Diga-se de passagem, aliás, que, na situação pouco alentadora em que se encontram as bibliotecas do país, particularmente as universitárias, é de grande utilidade o fato de a comunidade acadêmica poder dispor, em livros muitas vezes reeditados e disponíveis no mercado, dos escritos principais de Antonio Candido. De fato, o mesmo não acontece com outros autores, cuja produção ficou restrita às páginas de revistas universitárias ou em volumes de reduzida circulação - basta aqui citar João Alexandre Barbosa, Telê Ancona Lopez, Francisco Foot Hardman e Antonio Arnoni.

Assim, mesmo os não privilegiados pelo convívio com o Mestre podem, hoje, entrar em contato com o conjunto da lição crítica e mais latamente cultural de Antonio Candido. Mais recentemente, alguns ensaios de Antonio Candido foram traduzidos para o espanhol e o francês, ampliando assim o número dos seus leitores.

Evidentemente, não é necessário lembrar aqui a abrangência dos interesses do Autor, que, pelo menos na sua produção escrita, se articulam entre teoria da literatura, a interpretação literária, tanto de autores brasileiros como de estrangeiros, a política cultural, a sociologia e a antropologia cultural. Neste artigo, destaco um aspecto muito particular dessa produção: os escritos dedicados à Itália e à sua literatura. Eles, de fato, formam um *corpus* bastante reduzido, embora, como tentarei mostrar, muito significativo, formado, basicamente, por cinco peças, produzidas num período que vai de 1946 a 1990. Nelas, são enfocados dois romancistas contemporâneos, um autor do século passado, um conhecido cineasta e uma imigrante italiana que se dedicou, no Brasil, à militância socialista e revolucionária. Além desses escritos

específicos, encontramos numerosas e pontuais referências a figuras como o crítico e filósofo Benedetto Croce, ao compositor Gioacchino Rossini, ao dramaturgo Luigi Pirandello, ao poeta Giacomo Leopardi e, sobretudo, ao poeta Giuseppe Ungaretti, que teve uma longa relação com o Brasil, onde, durante alguns anos, foi professor de Literatura Italiana na Universidade de São Paulo. Não obstante, uma primeira visão de conjunto dessa produção mostra que a literatura italiana não constitui um pólo de atração com o mesmo relevo que possuem, por exemplo, as literaturas francesa e inglesa. Nesse sentido, pelo contrário, quem se dispuser a pesquisar a presença dos estudos italianos na crítica literária brasileira terá como ponto de referência a figura de Alfredo Bosi, que dedicou muitas reflexões a autores como Dante, Giacomo Leopardi, Luigi Pirandello, Benedetto Croce, Antonio Gramsci, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini, Umberto Eco, entre os outros⁶.

Mas voltemos a Antonio Candido. De acordo com o levantamento bibliográfico publicado por Sonia Vollet Sachs em anexo ao já referido volume *Dentro do texto, dentro da vida*, a primeira abordagem de um autor italiano encontra-se numa série de quatro artigos, publicados em 1946 na coluna que Antonio Candido mantinha no *Diário de São Paulo*, “Notas de crítica literária”, e dedicados ao romancista Ignazio Silone⁷. Silone, conhecido no Brasil pela tradução do seu romance *Pão e Vinho*, foi escritor neo-realista *ante litteram*. Militante antifascista, comunista, perseguido pelo regime de Mussolini, exilou-se na Suíça, onde, na década de Trinta e no começo da década de Quarenta, escreveu seus romances principais, que, entretanto, só foram conhecidos na Itália depois da restauração da democracia, em 1946. Parece-me significativo que Antonio Candido, cuja colaboração com o *Diário de São Paulo* começou em 20 de setembro de 1945, tenha publicado esta série de reflexões sobre Silone a poucas semanas de intervalo da publicação, na mesma coluna, de cinco artigos sobre Graciliano Ramos (que apareceram nos meses de outubro e de novembro de 1945⁸, enquanto os sobre Silone são de janeiro de 1946) - artigos que irão integrar, em 1956, o estudo *Ficção e Confissão*⁹, dedicado ao escritor alagoano. De fato, existe mais de um ponto de contato entre Graciliano Ramos e Ignazio Silone, ambos empenhados numa reconstituição realista da vida de determinadas camadas populares, onde a visão da pobreza não deu espaço à chamada “cor local”, e sim a um compromisso histórico e ético de cunho latamente político. E ambos perseguidos por regime ditatoriais.

Infelizmente, os quatro artigos sobre Silone não foram, até agora, reeditados em livro, nem integram o acervo de Antonio Candido pertencente

à Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas. O próprio autor não os possui e a lamentável situação do Arquivo do Estado de São Paulo, onde é guardada a coleção do já extinto *Diário de São Paulo*, não me permitiu conseguir uma cópia dos textos.

O segundo texto “italiano” de Antonio Candido foi escrito em parceria com Gilda de Mello e Souza e publicado em 1971 na revista *Discurso*. Intitula-se “Os Deuses malditos”¹⁰ e é dedicado ao filme homônimo de Luchino Visconti, cujo título original é *La caduta degli Dèi* (“A queda dos deuses”).

O artigo, de dez páginas, aparentemente desprezioso, revela a preocupação em mostrar que o filme não é uma obra realista, e que as imagens, além de possuírem um significado autônomo, encerram outra, “latente, bem mais profunda”. Assim, os autores sublinham o mecanismo viscontiano de articular uma “extraordinária precisão documentária” com um “jogo hábil de sinais e significados”. Nessa dialética entre sentido literal das imagens e sentido alegórico ou simbólico, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza mostram como a técnica de composição do cineasta italiano funde a fidelidade aos acontecimentos e a liberdade da interpretação criadora. Essa mesma dialética, evidentemente, acaba por permitir uma dupla leitura do filme, que é, portanto, ao mesmo tempo, “a anatomia do nazismo e a história de um nazista padrão”.

A perspectiva interpretativa adotada pelos autores é, de fato, uma “leitura”, organizada como uma leitura literária (veremos a sua pertinência com o ensaio de 1990 sobre *O deserto dos Tártaros*), mas que dialoga com a especificidade cinematográfica e com os seus mecanismos técnicos e narrativos. O resultado é um brilhante ensaio de crítica cinematográfica que se serve, simultaneamente, de um profundo conhecimento da situação social, econômica e cultural da Alemanha entre as décadas de Trinta e de Quarenta.

Em sucessão cronológica, o terceiro momento italiano de Antonio Candido é o ensaio “O Mundo Provérbio”, dedicado ao romance *I Malavoglia*, de Giovanni Verga publicado em 1971¹¹. Entretanto, por se tratar do estudo mais relevante desse conjunto, será tratado no final desta comunicação. Aliás, o próximo passo deste panorama é um texto publicado em 1980, mas cuja gênese está na década de Cinquenta. Trata-se de “Teresina e os seus amigos”, que constitui a primeira parte do livro *Teresina etc.* mas que incorpora o pequeno artigo “Teresina”, publicado no “Suplemento Literário” do *Estado de São Paulo* em 1956 e reproduzido na coletânea *O Observador Literário*, de 1959. O texto é a reconstrução da vida de Teresa

Carini, nascida na Itália em 1863 e morta em Poços de Caldas, interior de São Paulo, em 1951¹².

Teresina, como ficou conhecida desde que se mudou para o Brasil em 1890, teve uma juventude movimentada na Itália, e a sua chegada em São Paulo, acompanhando a excursão da orquestra de uma companhia de ópera, onde tocava seu marido, o violoncelista Guido Rocchi, marcou uma reviravolta existencial e cultural. No Brasil, ela tornou-se socialista revolucionária, graças também ao convívio, nos vinte anos em que morou na capital paulista, com os círculos italianos socialistas, sindicalistas e anarquistas. Em 1910, depois da separação do marido, mudou-se para Poço de Caldas, onde Antonio Candido a conheceu, em 1931, e onde fez amizade com a mãe do crítico brasileiro, residente naquela cidade.

O texto divide-se em três partes, abordando, respectivamente, a família e o ambiente da juventude na Itália; a formação e o desenvolvimento das suas convicções políticas e sociais, com ampla referência também aos seus gostos culturais e literários; os amigos e os companheiros, italianos e brasileiros, de Teresina, sobretudo os militantes socialistas e antifascistas de São Paulo e de Poços de Caldas.

O interesse deste texto é duplo. Por um lado, constitui uma saborosa “história de vida”, recheada de trechos de conversas e de cartas de Teresina, traduzidas do italiano pelo próprio Antonio Candido, que resulta num retrato bem humorado e carinhoso de uma personagem singular, que, se não chegou a projetar-se com destaque no cenário político e cultural da época, foi, ao mesmo tempo, testemunha e protagonista de um capítulo importante da história paulista da primeira metade do nosso século. Os entusiasmos, as idiosincrasias, os compromissos sociais de Teresina formam um conjunto complexo e contraditório que, na reconstrução do Autor, se lê com prazer e interesse.

Simultaneamente, o texto é também uma valiosa contribuição para um retrato do multifacetado mundo dos italianos de São Paulo, que compreendia socialistas, anarquistas e, depois da ascensão ao poder de Benito Mussolini em 1922, antifascistas, por um lado, e, por outro, uma ampla massa de imigrados ligados sentimentalmente à Itália e que passariam a apoiar o regime fascista. Os caminhos e os descaminhos pessoais e políticos de algumas das personagens que aparecem no texto de Antonio Candido permitem ao Autor perceber, no seu reflexo brasileiro e paulista, os anos de formação da ideologia fascista, na qual concorriam impulsos socialistas, libertários e autoritários, e em que os anos imediatamente precedentes à

deflagração da I Guerra Mundial desempenharam um papel decisivo. Nesse panorama, Teresina foi testemunha ocular das viravoltas do velho socialismo ítalo-paulista, que ela soube avaliar com lucidez, do alto de um rigor ético e político que, se beirava a ingenuidade e estava fadado, como a história se encarregaria de mostrar, à derrota e à desilusão, constituiu uma espécie de lição de vida que Antonio Candido pareceu não só absorver como também quis divulgar.

De fato, o texto sobre Teresina Carini liga-se mais àquele conjunto de escritos de Antonio Candido nos quais se misturam preocupações políticas e culturais, no pano de fundo geral da História. Parece-me significativo, nesse sentido, que nos anos (1931-1951) em que freqüentava Teresina estão incluídos também (1941-1944) os em que o Autor se empenha, ao lado de Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado, entre outros, na revista *Clima*, que fazia do antifascismo uma das suas bandeiras principais¹³.

O lançamento, em 1993 da coletânea *O Discurso e a Cidade*, representou não apenas a possibilidade de reler os quatro estudos sobre Manuel Antonio de Almeida, Zola, Verga e Aluísio Azevedo, mas também, a pouco anos de distância da sua publicação na revista *Novos Estudos* (Cebrap) (1990), do acesso, por parte de um público mais amplo, ao interessante ensaio *Quatro esperas*¹⁴, composto de quatro estudos, dedicados ao poeta grego Cavafis, a Kafka, ao narrador italiano Dino Buzzati e ao escritor francês Julien Gracq. Trata-se, na verdade, de um ensaio único em quatro capítulos, que aproximam quatro textos do século XX com muitas afinidades. A principal delas é a de serem obras aparentemente desvinculadas da História, sem a intenção de documentar a realidade. O poema de Cavafis e os romances de Kafka, Buzzati e Gracq criam mundos “arbitrários, sem localização histórica nem geográfica precisa, nos quais se infiltram entretanto dramas e angústias de civilizações que conhecemos, no passado e no presente”¹⁵.

A estrutura singular do ensaio dificulta a consideração isolada de uma das suas partes e o terceiro “capítulo”, intitulado “Na fortaleza”¹⁶, dedicado ao romance de Dino Buzzati *O deserto dos tártaros* (1940) estabelece, em particular, muitas conexões com o quarto, sobre *O litoral das Sírtis*¹⁷ (1951), de Julien Gracq. Entretanto, a interpretação do romance italiano constitui também uma peça autônoma, que aqui será considerada em articulação com os demais estudos “italianos” de Antonio Candido.

O deserto dos tártaros relata a história de um oficial destinado a prestar serviço numa fortaleza situada na fronteira com o território de inimigos aleatórios e misteriosos, dos quais, todavia, ninguém tem mais notícia há

vários séculos. Assim, também para o protagonista, Giovanni, e os seus companheiros, a vida na fortaleza se resume numa longa espera do acontecimento fatal: a batalha, a guerra, espera, porém, ritmada por uma rotina grotesca e imbatível, que aflige e fascina ao mesmo tempo os militares do forte. No intervalo entre esperança e rotina, a morte aparece em várias formas, mas nunca na que todo mundo aguarda, a morte heróica do soldado em guerra. Todo mundo fica preso à fortaleza, que, assim, é mais um estado de espírito do que um lugar. A “ação” dura cerca de trinta anos, o espaço de uma geração, e termina com a morte de Giovanni, que ocorre pouco depois da tão esperada chegada dos inimigos, mas num quarto de pensão, depois que a velhice e fraqueza lhe impediram de participar da batalha.

Antonio Candido determina acertadamente os grandes temas do romance: a Esperança, a Morte e o Tempo, que o final do livro “modula e combina”, criando um “caso paradoxal de triunfo na derrota”. Desse ponto de vista, a interpretação do crítico aproxima-se da leitura do filme de Visconti, por se constituir numa consideração paralela dos dados estruturais do romance (a divisão em capítulos, a apresentação das cenas principais, etc.) e dos detalhes aparentemente menores (os nomes das personagens e dos lugares, os pequenos desvios do entrecho). Antonio Candido mostra como *O deserto dos tártaros* “é um romance desligado da história e da sociedade, sem lugar definido nem época certa. Nele não há dimensão política, não há organização social ou crônica de fatos. É um romance do ser fora do tempo e do espaço, sem qualquer intuito realista”. Assim, justifica-se a presença deste ensaio no conjunto das *Quatro esperas* e, ao mesmo tempo, a configuração deste como contraponto aos estudos sobre o realismo que abrem o volume *O discurso e a cidade*. O autor foi buscar num clássico italiano contemporâneo um capítulo da sua investigação sobre as relações entre literatura e sociedade, cumprindo mais uma etapa de um esforço de interpretação do fazer literário.

Quando, em 1972, o estudo “O mundo provérbio”, com o subtítulo “Ensaio sobre *I Malavoglia*”, saiu na revista *Língua e Literatura* da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, Antonio Candido estava em plena efervescência crítica. Dois anos antes, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (também da Universidade de São Paulo) aparecera o famoso “Dialética da Malandragem”, sobre as *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antonio de Almeida; ainda em 1972, na *Revista de Letras* da Faculdade de Filosofia de Assis, sai “Degradação do Espaço”, estudo sobre *L'Assomoir* de Zola, e, finalmente, o ano de 1973 marca a redação original do ensaio que saíria, em 1991, em *Novos Estudos Cebrap*, com o título “De

cortiço a cortiço”, sobre o romance de Aluísio Azevedo.

Os quatro ensaios, hoje reunidos no volume *O Discurso e a Cidade* (1993), constituem o núcleo forte de uma nova perspectiva crítica brasileira, dialética e materialista em seus fundamentos implícitos, na medida em que afirma, na prática interpretativa, a complementaridade de análise formal e localização sociológica. Como é sabido, foi em particular o primeiro estudo, a “Dialética da Malandragem”, considerado por Roberto Schwarz¹⁸ o “primeiro estudo literário dialético” da crítica brasileira, a explicitar a dialética de forma literária e processo social.

A idéia de que o texto ficcional constitui uma “redução estrutural de um dado social externo à literatura e pertencente à história”¹⁹ está de fato presente nos outros ensaios já referidos. Em todos eles, o esforço interpretativo do autor volta-se para a determinação (a intuição, como ele gosta de dizer) de um *princípio de generalização* que organiza em profundidade tanto os dados da realidade quanto os da ficção. Na síntese de Roberto Schwarz, esse princípio de generalidade participa igualmente da realidade e da ficção: está nas duas. E, quanto mais cerrada for a “marcação” em cima do texto literário, tanto mais clara será a noção de que “a forma que o crítico estuda foi produzida pelo processo social”²⁰, e que, ao se estabelecer uma continuidade entre a primeira e o segundo, estamos diante da imitação de uma estrutura histórica por uma estrutura literária.

Caso a caso, o crítico determina o referente histórico da obra literária, alcançando assim uma pluralidade de resultados interpretativos inovadores dentro de um conjunto teórico e metodológico relativamente homogêneo. No caso das *Memórias de um Sargento de Milícias*, o elemento estruturador da narrativa e, ao mesmo tempo ligação com a história, é denominado “dialética da ordem e da desordem”. Já no estudo sobre *O Cortiço* a dialética é entre “espontâneo e dirigido”. Finalmente, no ensaio sobre o romance de Giovanni Verga, o princípio estrutural do *I Malavoglia* é a dialética entre “abertura e fechamento”.

O objetivo principal do ensaio é “analisar a convergência do elemento lingüístico e do elemento social, no encontro de uma solução admiravelmente adequada para sugerir o mundo fechado”²¹ dos protagonistas do romance. Trata-se, como se vê, do mesmo programa crítico que informava a “Dialética da Malandragem” e os demais estudos dessa “série”. Desde já, fique o registro da convergência perfeita entre o trabalho sobre Verga e um projeto de interpretação dialética da cultura que não se limitava ao horizonte brasileiro.

Como se sabe, o romance *I Malavoglia* (1881) é a obra prima de

Giovanni Verga, um dos maiores representantes do realismo italiano, que naquele país assumiu freqüentemente tons acentuadamente regionalistas, com prevalência do enfoque rural ou interiorano com relação ao ambiente urbano. Muitos romances e contos de Verga, de Luigi Capuana ou de Luigi Pirandello retratam o ambiente fechado e oprimido da Sicília, uma das regiões mais atrasadas social e economicamente do país. *I Malavoglia* narra a história de uma família de pescadores de uma aldeia próxima de Catania, os quais procuram escapar a uma dura situação de privações recorrendo a uma transação comercial cujo malogro é ocasião de várias tragédias pessoais e coletivas, até a retomada da situação inicial por parte do neto caçula do patriarca da família. O romance, aliás, serviu de inspiração para o filme *La terra trema*, de Luchino Visconti.

No plano mais geral do enredo, Antonio Candido reconhece logo o esquema circular do romance, redução estrutural da falta de perspectivas sociais que caracteriza a comunidade considerada. A própria circularidade do enredo, entretanto, torna-se o primeiro elemento de continuidade entre a dinâmica social e a sua transposição literária. Cito:

a casa de uma família de pescadores, a aldeia de pescadores e o mar onde os pescadores trabalham formam círculos concêntricos, ligados por um substrato que é o gênero de vida. E está claro que o elemento econômico interessa aqui em suas *consequências literárias*: estilisticamente, como gerador de modos de expressão e tratamento da narrativa; estruturalmente, como coordenador dos diferentes espaços; historicamente, pela modificação que imprime ao tratamento de um espaço privilegiado na literatura - o mar²².

Está, portanto provisoriamente estabelecida a dialética entre forma social e forma literária, que, nessa etapa do estudo, encontra o seu princípio mediador na noção de *circularidade*, que passa do histórico ao estético, onde assume, entre outras características, uma forma de homogeneidade. O Autor insiste na idéia, fortemente presente nos demais ensaios desta sua fase crítica, de que esta característica “é sobretudo efeito de estilo e propriedade específica da estrutura literária”²³. No plano do estilo, é reflexo da opção lingüística do romancista, que, a meio caminho entre o italiano literário e o dialeto siciliano, escolhe uma espécie de registro “múltiplo” porém homogêneo, compartilhado, no caso, tanto pelo narrador como pelas personagens. No plano do enredo, trata-se do reconhecimento que o romance “é também uma história de desvios e rupturas, de pequenas tentativas malogradas para

romper os círculos implacáveis e aliviar o peso opressivo”²⁴.

Entretanto, se existem esos dialéticos que “amarram” (a expressão, freqüente no ensaio, é de Antonio Candido) o fato social e o fato literário, existem também, dentro da estrutura do romance, “amarrações” entre a narrativa e a linguagem, “em função do mundo popular, fechado e recorrente. São eles o *lugar-comum*, a *repetição* e o *provérbio* -, com força e atuação progressivas”. Assim, o crítico pode determinar, no plano da análise estética, a continuidade entre “a estrutura social e a linguagem, que foi exatamente o que fez Verga no plano da criação, *justificando* em profundidade a homogeneização do estilo”²⁵.

Em particular, o *provérbio* é o elemento que unifica a fixidez (a “circularidade”; a “homogeneidade”) do discurso e da sociedade, tornando-se assim, nesta segunda perspectiva dialética, a “ligação indissolúvel” da “série social e da ‘série’ lingüística”, “manifestação suprema da fixidez de uma e de outra”. Esta convergência, no final do ensaio, é ilustrada graficamente mediante um esquema que resume a estrutura do romance de Verga²⁶.

Nele, o provérbio é o ponto de articulação de uma série de pares dialéticos que se referem ora ao romance ora à sociedade:

fala rústica

estilização da fala rústica segundo seus traços mais estáveis
Torneios populares de cunho paradigmático
Predomínio da repetição
Modo de falar fixo

sociedade rústica

Sociedade mostrada em seus aspectos “parados”
Usos e costumes que se impõem a todos
Sociedade recorrente
Símbolos da sociedade fixada.

Ora, esta perspectiva crítica de Antonio Candido relativa ao romance de Giovanni Verga constitui um achado particularmente relevante. Por um lado, traz uma notável contribuição para a metodologia e a teoria da crítica dialética, como veremos. Por outro - e é o que tratarei agora -, marca uma leitura original da obra do romancista italiano, que permite, através da ligação entre produto literário e história, resgatar um elemento fundamental da figura de Verga: a sua ligação com a cultura popular.

Com efeito, Verga foi o cantor de um mundo moral dos humildes, não tanto em sentido evangélico, mas num sentido universalmente histórico. A *pietas* verguiana não foi sentimentalismo abstrato, mas compromisso moral de escritor, o qual exercita a sua moralidade no lugar pertinente à sua qualificação: na língua, no estilo, enfim, no texto da sua obra, demoradamente meditada no esforço de aderir intima e plenamente à sua matéria. Deste ponto de vista, como nos mostrou Antonio Candido, assume relevância, o

interesse de Verga per certos documentos do mundo popular, em particular os provérbios. Entretanto, tais documentos, inseridos na estrutura do romance na maneira apontada pelo crítico brasileiro, não servem à apresentação de uma “cor local” de cunho folclorista: antes, representam instrumentos para penetrar o mundo popular por um caminho que até o historiador poderia compartilhar; o caminho da reconstrução “por dentro”, que se baseia, como deve, no documento, mas exercita sobre ele a penetração do intelecto. O autor, de fato, só considera idôneas como aberturas de conhecimento sobre o mundo popular da Sicília aqueles documentos que passaram através de um filtro consciente. O resultado, nas palavras de um autor italiano, Alberto Mario Cirese²⁷, é o “mundo popular reconstruído intelectualmente”.

Nesse sentido, os cerca de cento e cinquenta provérbios que aparecem no romance, objetivamente, mesmo no plano da pesquisa histórica, possuem um alto grau de capacidade individualizadora desse mundo de “gente pobre” que *I Malavoglia* queriam exprimir; eles são não só a enunciação de conteúdos morais, de uma visão de mundo, de normas que aludem a um certo horizonte cultural; mas são também - e sobretudo - conotação característica de uma tonalidade psicológica e, correlativamente, fatos de “língua” e de “estilo”. Em todos os casos, lugares de encontro e desencontro com a História. Lugares dessa fixidez de que fala Antonio Candido.

De fato, o provérbio é a expressão de uma fixidez ideológica que se traduz numa fixidez de fórmula: de rimas, de métrica, de número de sílabas. Cada provérbio possui a sua própria fórmula, mas todos têm uma fórmula geral e um ar comum. Naturalmente, cada provérbio é na realidade o resultado de um certo processo mental: de observações, de experiências, de juízos, de conexões que não foram dados por mítica revelação, mas que nasceram de uma história, dentro de uma história. Entretanto, a história, neles, é como que imperceptível, não há mais consciência dela. Cada provérbio, para quem o repete com íntima adesão, é *ab aeterno*: um ditado “antigo”. Nele, a história contraiu-se, até anular-se: cristalizou-se. Ela existe, mas escondida e, o que é mais importante, negada.

Verga, resgatando o provérbio como elemento da história e, ao mesmo tempo, do estilo - aliás, mostra-nos Antonio Candido, princípio unificador de história e literatura -, torna-se assim narrador e historiador: um poeta que foi tal porque quis ser o historiador daquele mundo.

Mas, como dizia, o estudo sobre Verga e *I Malavoglia* constitui também uma etapa decisiva na trajetória crítica de Antonio Candido, sobretudo no que se refere à leitura dialética das realizações estéticas. “O

Mundo Provérbio” não teve a mesma repercussão dos ensaios sobre as *Memórias de um Sargento de Milícias* e sobre *O Cortiço*, por motivos óbvios; entretanto, parece-me que ele represente um avanço com relação a esses dois estudos. Nele, com efeito, a clareza é maior, e a articulação das esferas revela-se em todos os seus pormenores e em todas as suas conseqüências. A continuidade entre “série literária” e “série social”, apoiada na figura lingüística e antropológica do provérbio, é mostrada como fato fundamental da criação e como eixo firme da interpretação. Esta, por sua vez, lança luzes tanto no plano da estética quanto no plano da história, ambos iluminados por um mecanismo crítico sabiamente dosado ao longo do texto.

Entretanto, infelizmente, a ainda escassa difusão dos estudos literários italianos no Brasil, assim como o reduzido número de traduções disponíveis aqui de textos procedentes da Itália, fizeram com que esse brilhante ensaio de Antonio Candido não tenha alcançado a repercussão que merece. Ele, por exemplo, não é citado por Paulo Eduardo Arantes, no seu estudo *Sentimento da Dialética*²⁸, dedicado aos métodos críticos de Antonio Candido e Roberto Schwarz. De fato, Arantes privilegiando os ensaios de assunto brasileiro (no caso de Roberto Schwarz, o conjunto de estudos machadianos), tem como objetivo o de mostrar como a leitura dialética é também, e sobretudo, um esforço maior de “interpretação da experiência intelectual brasileira”, que, nesse sentido, se estenderia até a história e a sociologia. Mesmo assim, num plano mais estritamente metodológico, “O Mundo Provérbio”, em que pese a sua direta filiação da “Dialética da Malandragem”, sistematiza algumas questões importantes que permitem, inclusive, uma leitura mais completa do ensaio sobre o romance de Manuel Antonio e do estudo sobre *O Cortiço*.

Notas

1. D'INCAO, Maria Angela, SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaio sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras,

Poço de Caldas: Casa de Cultura de Poço de Caldas, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1992.

2. CANDIDO, Antonio. *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1945.

3. Id. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

4. Id. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

5. Cf. SACHS, Sonia C. Vollet. Antonio Candido: uma bibliografia. In: D'INCAO, Maria Angela, SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaio sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, Poço de Caldas: Casa de Cultura de Poço de Caldas, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1992, p. 330-362.

6. Cf., em particular, *Céu, inferno*. Ensaio de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

7. CANDIDO, Antonio. Silone - I. Notas de crítica literária. *Diário de São Paulo*. 18, n. 5449. São Paulo, 17 jan. 1946, p. 4. Id. Silone - II. Notas de crítica literária. *Diário de São Paulo*. 18, n. 5455. São Paulo, 24 jan. 1946, p. 4. Id. Silone - conclusão. Notas de crítica literária. *Diário de São Paulo*. 18, n. 5460. São Paulo, 31 jan. 1946, p. 4.

8. Cf. Sachs, *op.cit.*, p. 348.

9. CANDIDO, Antonio. *Ficção e confusão*. Ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

10. CANDIDO, Antonio, MELLO E SOUZA, Gilda. Os deuses malditos. *Discurso*. 1, n. 2. São Paulo, 1971, p. 187-196.

11. CANDIDO, Antonio. O mundo-provérbio. Ensaio sobre *I Malavoglia*. *Língua e Literatura*. vol. 14. São Paulo: Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1972. Reeditado in: Idem. *O discurso e a cidade*, cit., p. 95-122.

12. CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

13. Para um panorama menos parcial dessa vertente da militância socialista de Antonio Candido, cf. LAFER, Celso. As idéias e a política na trajetória de Antonio Candido. In: D'INCAO e SCARABÔTOLO, *op.cit.*, p. 271-296, além, é claro, de MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. 1933-1974. 8a ed. São Paulo: Ática, 1994.

14. CANDIDO, Antonio. *O discurso...* cit., p. 153-200.
15. Id. *Ibidem.* p. 12.
16. In: Id. *Ibidem.* p. 169-186
17. In: Id. *Ibidem.* p. 187-200.
18. SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, da "Dialética da malandragem". In: Id., *Que horas são*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129 -155.
19. Id. *Ibidem.* p. 132.
20. Id. *Ibidem.* p. 141.
21. CANDIDO, Antonio. O mundo-provêrbio, cit., p. 108.
22. Id. *Ibidem.* p. 97 (*grifo meu*).
23. Id. *Ibidem.* p. 100.
24. Id. *Ibidem.* p. 103.
25. Id. *Ibidem.* p. 111.
26. Id. *Ibidem.* p. 121.
27. CIRESE, Alberto Mario. Verga e il mondo popolare: un procedimento stilistico nei *Malavoglia*. In: Id. *Intellettuali, folklore, istinto di classe*. Note su Verga, Deledda, Scotellaro e Gramsci. Torino: Einaudi, 1976, p. 3-32.
28. ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.